



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**



TAÍSA LETÍCIA FRANÇA SILVA

**O PERTENCIMENTO CRÍTICO AO AMBIENTE INTELECTUAL: UM
ENFRENTAMENTO SOCIOECONÔMICO DO COTIDIANO ACADÊMICO**

**UBERLÂNDIA – MG
2021**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

TAÍSA LETÍCIA FRANÇA SILVA

**O PERTENCIMENTO CRÍTICO AO AMBIENTE INTELECTUAL: UM
ENFRENTAMENTO SOCIOCONÔMICO DO COTIDIANO ACADÊMICO**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação apresentado como requisito avaliativo para obtenção de aprovação no curso de Graduação em Pedagogia, da Universidade Federal de Uberlândia. Pedagogia EAD.

Orientador: Prof. Dr. Armindo Quillici Neto.

**UBERLÂNDIA – MG
2021**

Folha de aprovação (obrigatório)

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, que me entregou esta missão de ingressar na carreira profissional da Educação antes mesmo que eu pudesse compreender sua importância. Dedico também à minha família, que sempre me incentivou a alcançar meus objetivos e conquistar meus sonhos e a meu esposo, pelo apoio e compreensão durante todo o processo que está perto de encerrar. Dedico também a mim pela perseverança mesmo a cada momento de exaustão e insegurança, que venci com a capacidade da fé.

RESUMO

Este trabalho tem como principal objetivo a discussão da correlação entre as limitações socioeconômicas do cotidiano acadêmico do estudante de baixa renda e/ou vulnerabilidade social e a aplicação destes conceitos em minha trajetória acadêmica. Neste sentido, para corroborar a discussão teórica desta temática, será inserida como fonte de conhecimento documentada a Teoria Crítica da escola de Frankfurt sob a ótica da filósofa Hannah Arendt, bem como o olhar de outros autores contemporâneos que contemplam esta vertente teórica em seus trabalhos científicos. É imprescindível ressaltar que este texto busca elucidar a compreensão da presença de intervenção política e social na educação e como se deu a construção de minha carreira discente e os caminhos de minha jornada em busca da profissão docente, no contexto social e econômico em que essa história está inserida.

Palavras Chave: Trajetória acadêmica, contexto socioeconômico, Teoria Crítica.

ABSTRACT

The main objective of this work is to discuss the correlation between the socioeconomic limitations of the academic daily life of low-income and/or socially vulnerable students and the application of these concepts in my academic trajectory. In this sense, to corroborate the theoretical discussion of this theme, the Critical Theory of the Frankfurt School will be inserted as a documented source of knowledge from the perspective of the philosopher Hannah Arendt, as well as the gaze of other contemporary authors who contemplate this theoretical aspect in their scientific works. It is essential to emphasize that this text seeks to elucidate the understanding of the presence of political and social intervention in education and how my student career was built and the paths of my journey in search of the teaching profession, in the social and economic context in which this story is inserted.

Key words: Academic Trajectory, Socioeconomic context, Critical Theory.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	7
2. Capítulo I: Uma trajetória aprendizado e conclusão de desafios.....	8
3. Capítulo II: A Teoria Crítica e a Escola de Frankfort.....	15
4. Capítulo III: Hanna Arendt.....	19
5. Considerações finais.....	23
6. Referências.....	26

INTRODUÇÃO

Ao iniciar a apresentação do teor deste trabalho, é imprescindível ressaltar que a discussão do tema colocado permeará algumas vertentes de pensamento que perpassam desde a vivência cotidiana do processo acadêmico, processo este em determinado período de tempo alienado do pensamento crítico, até seu desenvolvimento de encontro com os determinantes socioeconômicos e políticos de uma jornada educacional, discussão essa correlacionada com as perspectivas fundamentais da Teoria Crítica.

Neste sentido, cabe agora ressaltar a dinâmica intelectual utilizada para tal abordagem e desenvolvimento do texto, que configura uma exposição de histórico educacional caracterizada por apontamentos cronológicos e fatoriais, porém abordadas neste texto com uma busca por contextualização teórico-crítica de seu desenvolvimento, ou seja, aqui se busca a compreensão das determinantes externas historicamente e socialmente verificadas diante dos limites socioeconômicos que se coincidiram na jornada acadêmica apresentada como objeto de estudo.

Há ainda que se expressar a importância do aprofundamento teórico crítico ao ato de debruçar diante da perspectiva de correlacionar as determinantes socioeconômicas sob o prisma da consciência da condição humana esmiuçada por Hannah Arendt, no sentido de que tudo que se faz e seus desdobramentos, inclusive em relacionamentos e todas as situações determinantes da vivência humana. Também esta autora é citada aqui por suas contribuições diante do olhar crítico alusivo à crise da educação e as transformações decorrente desta.

Neste sentido, o presente trabalho reflete uma busca incessante por respostas críticas às determinantes sociais do desenvolvimento educativo e como isto reflete na realidade de cada indivíduo. Não obstante, também reconhecer a importância do trabalho filosófico na construção da profissão docente, consideravelmente no que diz respeito à formação em Pedagogia. Esta formação exige um posicionamento crítico diante das determinantes da condição humana e como todo este cenário se mostra para a sociedade.

CAPÍTULO 1- Uma trajetória aprendizado e conclusão de desafios

Agora me apresento de maneira mais detalhada e resalto momentos importantes em toda minha trajetória escolar. Eu sou Taísa, tenho 30 anos, sou natural de Uberlândia. Nasci e fui criada aqui, porém meus pais são migrantes, vieram de São Paulo. Mas eles não nasceram lá, meu pai nasceu no Rio de Janeiro e minha mãe nasceu em Pernambuco. Minha família sempre foi pobre, fui criada na periferia de Uberlândia no bairro São Jorge.

Meu pai é vendedor e minha mãe do lar, depois que eles se casaram ela nunca trabalhou fora. Tenho dois irmãos, um rapaz e uma menina. Como meu pai nos criou trabalhando como vendedor autônomo, ambulante, sempre tivemos sua presença em casa. Isso contribuiu para que tivéssemos uma criação diferente das crianças que convivemos na escola, pois a maioria o pai e a mãe trabalhavam fora e essas crianças passavam longos períodos em casa sozinhos. Como podemos ver neste relato acerca das características da família no início do século 21, o meio familiar em que cresci é bem característico desta conjuntura temporal:

Constituída com base nas relações de parentesco cultural e historicamente determinadas, a família inclui-se entre as instituições sociais básicas. Com o desenvolvimento das ciências sociais, ampla bibliografia internacional tem analisado suas diversas configurações e destacado sua centralidade conforme a reprodução demográfica e social. A família é apontada como elemento-chave não apenas para a “sobrevivência” dos indivíduos, mas também para a proteção e a socialização de seus componentes, transmissão do capital cultural, do capital econômico e da propriedade do grupo... (ALMEIDA e CARVALHO, p. 109, (2003)

Talvez por este motivo, minha alfabetização iniciou cedo porque me lembro de sempre pedir lápis e papel para meu pai e ele me ensinar a desenhar e escrever algumas letras. Mesmo sem concluir os estudos, meus pais sempre gostaram de ler e tínhamos acesso a livros, jornais e revistas em casa. Talvez por isso eu tenha criado gosto pela leitura logo cedo, me lembro que um dia, por volta dos meus cinco anos, enquanto minha mãe lavava as louças eu estava sentada no chão perto dela com uma pequena bíblia nas mãos lhe perguntando como se falava aquelas letras grudadas e, ela com grande paciência me soletrava sílaba por sílaba até que eu consegui ler uma palavra inteira: êxodo (que pronunciei echodo rrsr) ela riu e disse: “eita, essa menina já está lendo!”.

Então, quando eu entrei na pré-escola com seis anos, já sabia ler e escrever meu nome. E como eu gostava da escola, aquele cheiro de papel, e os jogos de montar palavras que eu nunca tinha visto. Mas felicidade mesmo era o dia que a professora nos deixava brincar com massinha, formar nosso nome. Ainda me lembro o nome da primeira

professora, “tia” Rosirene, era morena clara mais ou menos da idade da minha mãe na época, muito simpática e cordial. Eu não sabia nesse tempo que aquele jeito bonzinho dela tinha esse nome. Fui alfabetizada por essa professora, que ainda utilizava o método da memorização, a leitura do alfabeto e da ordem numérica de 0 a 9. Em suas aulas havia leitura e ditado. Sempre estudei em escola pública e minhas notas sempre foram boas. Conforme a escola me exigia mais, meu pai também cobrava.

Me pedia para ver os cadernos, sempre comparecia as reuniões da escola e me incentivava a buscar ser a melhor da classe. Quando eu tentava justificar alguma nota não muito boa com exemplo de colegas que se saíram piores ele sempre dizia: “Você não tem que se comparar a ninguém, tem que fazer o melhor para você, estude minha filha para não sofrer como eu sofro”. Essas palavras ecoavam dentro de mim, porque conforme fui crescendo eu entendia que ele sofria mesmo. Não tinha férias, trabalhava na chuva e no sol quente e o dinheiro sempre era pouco, nunca passamos necessidade, mas também nunca sobrava.

Aqui neste momento fica claro como a perspectiva de Hannah Arendt (1961), acerca do ideário familiar no que diz respeito à importância da formação educativa e, principalmente, com foco no mercado de trabalho como modo de ascensão social se reproduziu não apenas na sociedade americana seu objeto de estudo, como também nas culturas ocidentais que beberam em sua fonte estrutural para falar a respeito da consolidação do papel da escola na formação da sociedade em suas mais amplas vertentes.

Neste contexto, eu sempre tive em mente que não era aceitável ir mal na escola, pois todos devíamos nos dedicar a fazer o melhor, fazer bem feito. De acordo com as oportunidades e condições eu fui seguindo na vida escolar sempre em escolas públicas e sem repetir nenhum ano.

No fundamental a maioria das professoras foram boas, mas duas me marcaram. A professora Rosemar da segunda série porque não cumpriu com o currículo de maneira adequada, o que só fui descobrir no ano seguinte, quando a professora Viênia que era muito mais rígida nos cobrou conteúdos que nós nem tínhamos ouvido falar. Me lembro até hoje de sua expressão assustada quando nos avaliou e viu que nós não tivemos o menor contato com o que deveria ter sido passado no ano anterior. Ela precisou nos ensinar dois conteúdos curriculares em um ano apenas, e conseguiu. No ano seguinte era a quarta série, poderíamos escrever com canetas. Muita ansiedade, porém, só os que tinham boa caligrafia a professora permitia tal privilégio.

Nesse ano também o conteúdo de ciências era intrigante, o corpo humano. Aprendemos sobre reprodução, e os meninos sempre mais avançados já começavam a rir do assunto e a professora tinha logo o cuidado de interferir. Nessa época, meu corpo demonstrava os primeiros sinais da puberdade, então fazia sentido as coisas que a professora nos ensinava. Minha mãe também já havia começado a falar do assunto, eu achava estranho. No ano seguinte, quinta série mudei de escola, bem maior que a anterior e rotina totalmente diferente.

Agora eram cinco aulas no mesmo dia, muitos professores e eu abandonei os cadernos brochura para usar fichário. Fiquei decepcionada ao saber que não havia mais comemoração de dia dos pais e das mães. Com o gosto pela leitura do meu lado, as matérias que mais tinha facilidade eram as que exigiam interpretação de texto e, para meu sofrimento, isso não servia muito para matemática que pede lógica e exatidão. Apesar de surgirem algumas dificuldades eu consegui prosseguir nos estudos até a conclusão do ensino fundamental II. Nesta época já era adolescente e já vislumbrava alguns sonhos para o futuro, desde este tempo a carreira da docência me enchia os olhos. O ambiente da escola me trazia um vínculo de pertencimento. Neste trecho podemos compreender a definição de pertencimento:

A necessidade de pertencimento foi primeiramente mencionada por Baumeister e Leary (1995), sendo definida como uma motivação que seres humanos têm para procurar e manter laços sociais profundos, positivos e recompensadores. Dessa forma, ela se refere não só à necessidade de estar inserido em um grupo, mas à qualidade dos laços estabelecidos com outros indivíduos e o sentimento de aceitação presente. (GASTAL e PILATI, 2016, p.285)

Para cursar o ensino médio mudei de escola novamente, em outro bairro e eu precisei usar o transporte coletivo, mais uma mudança na minha rotina escolar que eu precisei me adaptar pois, sempre caminhei até a escola e em dias alternados meu pai me levava de bicicleta ou carro.

Mais expectativa e dificuldades me aguardavam no tão temido segundo grau, preparação para a faculdade, decisões a respeito da profissão por escolher. Também as pessoas do meu convívio eram diferentes agora. A escola ficava num bairro de classe média, então havia alunos com condições financeiras melhores. Eles tinham acesso a TV a cabo coisa que eu nem entendia como funcionava, e internet em casa, que muito raramente eu usava em “*lan house*” (sala comercial em que se paga um valor por tempo em que se utiliza o computador).

O acesso à cultura que eles possuíam era muito diferente do meu, eu nunca tinha ido ao cinema por exemplo. Logo, o acesso ao conhecimento também. Às vezes os professores nos propunham atividades que a falta de acesso a estes recursos dificultava em muito, o trabalho para corresponder às expectativas era bem maior.

Na segunda metade do segundo ano do ensino médio eu comecei a trabalhar por meio período em uma lojinha, precisava ajudar em casa e pagar algumas despesas como passe de ônibus, cópias, entre outras coisas. Muitos colegas também trabalhavam, as vezes eles dormiam durante as aulas, eu tentava me concentrar ao máximo. Aqui ficava cada vez mais nítida a diferença no acesso à cultura e educação de acordo com minha classe social, o que muito se evidencia no texto de Hannah Arendt (1961), em sua obra “a crise da Educação” no seguinte trecho:

Assim, a crise na educação americana anuncia, por um lado, o fracasso da educação progressista e, por outro, constitui um problema extremamente difícil porque surge no seio de uma sociedade de massas e em resposta às suas exigências. Neste sentido, devemos ter presente um outro fator mais geral que, se não constituiu a causa da crise, a agravou em elevado grau: refiro-me ao papel que o conceito de igualdade desempenha e sempre desempenhou na vida americana. Trata-se de uma noção na qual está envolvida muito mais do que a igualdade perante a lei; mais também do que o nivelamento das distinções de classe; mais mesmo do que aquilo que a expressão «igualdade de oportunidades» designa, embora esta tenha aqui grande significado uma vez que, na perspectiva americana, o direito à educação é um direito civil inalienável. (ARENDR, 1961, p. 173 a 196)

Mas as matérias do campo das exatas me exigiam habilidades que deveriam ter sido conquistadas no fundamental II e por mais que eu me esforçava minhas notas eram medianas, suficiente apenas para ser aprovada de um ano para o outro e com muito custo.

Ao final do terceiro ano fizemos o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Apesar de não ser uma aluna tão brilhante, meus resultados foram bons graças as características da prova que exigia muita interpretação de texto em todas as disciplinas, compreender o conteúdo era mais importante que ter decorado as fórmulas de matemática, química e física.

Esse era o ano de 2008 e eu também já me interessava pelos processos seletivos da prefeitura, buscando uma oportunidade de trabalho em que eu pudesse ter tempo para estudar, atividade de meio período. Tentei uma colocação como educadora infantil, porém sem sucesso pois, a prova exigia conhecimentos sobre legislação na área da educação e eu só havia tido contato com algo nesse sentido em jornais, ainda não havia buscado informações profundas sobre a área como as leis que regulamentam a educação.

Neste ano eu conclui o Ensino Médio, e durante as férias o resultado positivo do ENEM me concedeu a oportunidade de me candidatar a uma vaga como bolsista no Programa Universidade para todos (PROUNI), que oferta bolsas de estudo em faculdades e universidades particulares para estudantes de baixa renda. A esta altura eu já havia definido dois caminhos possíveis para minha vida profissional, faria o curso de jornalismo ou o curso de Letras. Seria jornalista ou professora, porém minha nota não foi tão boa assim e estes cursos não poderiam ser alcançados então busquei outras alternativas de maior possibilidade. Me candidatei então aos cursos de Pedagogia e de Serviço Social, sendo o último a única opção em que eu teria direito a bolsa integral, ou seja, sem que eu precisasse pagar mensalidade.

Em 2009 iniciei a graduação em Serviço Social na Universidade Presidente Antônio Carlos (UNIPAC).

Nesta nova etapa, os desafios se mostraram ainda maiores. A minha falta de familiaridade com a vida acadêmica se colocou ainda mais evidente, porém não era exclusividade minha esta situação, pude reconhecer que a maioria das pessoas que estavam ali comigo eram trabalhadores que vieram de escolas públicas e sofriam com as mesmas dificuldades. Os professores encontravam dificuldades para nos ajudar a assimilar todo o conteúdo, muito em decorrência destes fatores que contribuía para que nosso desempenho estivesse sempre aquém do esperado. Ainda assim, com tantas barreiras eu vencia minhas dificuldades, devido a exigência de aproveitamento mínimo para a manutenção da bolsa de estudos ser maior do que o que a própria universidade exigia. O apoio da maioria dos professores que se identificavam conosco era fundamental para nossa progressão à medida que o curso avançava.

Durante os dois primeiros anos do curso eu trabalhei de forma informal, porém no ano de 2011 eu fui aprovada no concurso da prefeitura de Uberlândia para o cargo de educador infantil (antigo auxiliar de creche), nesta época o nível de instrução exigido ainda era apenas o Ensino Médio completo. Foi um divisor de águas na minha vida, ainda me lembro da emoção que senti quando recebi em casa o telegrama me comunicando da aprovação e que eu deveria comparecer para apresentar minha documentação. Abracei cada um dos meus familiares, chorei ao abraçar minha avó, o apoio de cada um fazia parte desta conquista. A partir daí eu pude investir mais em minha graduação, comprar livros e também ajudar mais com as despesas de casa. No ano de 2012 houve novo concurso da prefeitura, porém desta vez eu concorri pelo cargo de minha graduação, Serviço Social,

eu já estava no penúltimo semestre do curso e queria testar meus conhecimentos e esperançosa pela oportunidade de graduar-me já empregada.

Eu fui aprovada em segundo lugar, mas por motivo que ainda tenho dificuldade de assimilar, a homologação do concurso aconteceu de forma muito rápida o que impossibilitou minha posse pois, eu ainda havia de entregar o trabalho de conclusão de curso que não havia iniciado em decorrência do currículo formativo da instituição.

Então continuei como educadora infantil e também concluí a graduação. Após esta situação eu me afastei dos caminhos que me levariam para a carreira de assistente social, iniciei uma pós-graduação na área, porém não concluí a mesma, a frustração de não assumir o concurso que passei me deixou um gosto amargo. Na educação infantil, o contato com professoras e pedagogas, com os textos instrutivos acerca das necessidades das crianças, compreensão do seu desenvolvimento global, e ainda o contato direto com as crianças com necessidades especiais, despertaram em mim um sentimento de mudança de caminho acadêmico.

Por algum tempo passei pelo processo de reconhecimento que minha primeira opção de carreira profissional não teria sido a mais acertada, levou tempo, pois não era fácil aceitar que todo aquele conhecimento adquirido talvez jamais fosse utilizado. No entanto, o cotidiano na escola e com as crianças e suas mais diversas origens familiares me fez enxergar que muito do que aprendi na universidade fazia parte da vivência escolar como profissional. Desta forma, como uma sequência de meu horizonte vislumbrei a Pedagogia, pois me encontrei como educadora de maneira geral, uma profissional que acompanha o desenvolvimento global das crianças e necessitava de formação específica para tal tarefa.

Não foi uma decisão fácil, pois o contexto social atual coloca a profissão como uma alternativa árdua e não compensativa do ponto de vista econômico. Mas a esperança de contribuir para o desenvolvimento de uma sociedade cada vez melhor e mais justa ainda nos inspira a trilhar uma carreira de conquistas na educação.

Neste contexto, surgiu a oportunidade de cursar Pedagogia no formato a distância pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), que em parceria com a instituição Universidade Aberta do Brasil (UAB) coordenam um projeto de formação de professores da educação básica em nosso país. Foi a oportunidade que eu aguardava para consolidar minha carreira na educação de maneira forte e com grande relevância acadêmica, uma formação de qualidade. Participei do processo seletivo que aconteceu por meio de prova

objetiva e redação, fui aprovada e classificada em quinto lugar, o que garantiu minha vaga para tal graduação.

O curso de graduação em Pedagogia a distância é coordenado pelo Centro de Educação a distância (CEAD) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e é responsável por todo o conteúdo formativo da grade curricular do curso, disciplinas, professores, tutores e sistemas de controle acadêmico dos alunos. Apenas o local de realização das provas presenciais e eventuais reuniões não pertence à Universidade, através de um convênio com a Prefeitura Municipal de Uberlândia, estas atividades são realizadas no Centro Municipal de Estudos e Projetos Educacionais Julieta Diniz (CEMEPE).

O curso de graduação a distância em Pedagogia tem duração de quatro anos, com oito semestres letivos e em média oito disciplinas por semestre. Todo o material de estudo, atividades e o relacionamento com coordenação e tutores, bem como o relacionamento entre os alunos acontecem por meio do ambiente virtual, uma plataforma cibernética a qual todos os atores envolvidos neste processo de construção do conhecimento tem acesso remoto através de computadores, tablets e até mesmo smartphones, todas estas ferramentas são conhecidas como tecnologias de informação e comunicação.

Este modelo de educação proporciona aos alunos flexibilidade de horários e maior controle sobre seu processo de aprendizagem. No entanto, exige também maior disciplina e dinamismo pois os prazos para conclusão das atividades e a grande presença de estímulo para construir a identidade de estudante/profissional pesquisador, agrega características desafiadoras aos que se propõem a tal atividade.

Neste sentido, cabe aqui explicar como iniciei o curso de Pedagogia a distância. Apesar de minha grande expectativa, pois assim que soube de minha aprovação fui em busca de todas as informações necessárias para me matricular, tive dificuldades em navegar no ambiente virtual de aprendizagem (AVA). Apenas após o recesso letivo recebi e-mails com mensagens dos fóruns e foi aí que percebi que já havia perdido as primeiras atividades, inclusive a primeira reunião geral de apresentação do curso que aconteceu no CEMEPE. Consegui contato com a tutora através de e-mails e ela me ajudou a entrar no AVA. Mesmo com estes contratempos eu estava muito empolgada e consegui colocar todas atividades em dia porque estava de férias do trabalho e assim prossegui juntamente com a turma.

As primeiras disciplinas já demonstravam a intensidade do curso, os prazos nos davam a dimensão da responsabilidade e as provas todas em um dia só tornou essa etapa bastante cansativa. E assim, com muito empenho e o desafio de conciliar os prazos das atividades com minhas tarefas cotidianas e, principalmente o trabalho, segui o curso de Pedagogia ultrapassando dificuldades e superando limites.

Têm sido quatro anos de muito aprendizado, mas também de muita superação. Neste tempo eu me casei e a rotina mudou muito, novas responsabilidades foram adquiridas por mim e conciliar tudo se tornou cada vez mais difícil. E, ainda, no início do ano de 2020, o penúltimo ano de graduação, o mundo foi acometido pela Pandemia da Covid-19, uma doença respiratória, altamente contagiosa e transmitida por um vírus que fez milhares de vítimas no mundo todo e também trouxe uma nova realidade, o distanciamento social como forma de controle da transmissão do vírus. Como expressa AMORIM, BARRETO e CUNHA (2020):

A pandemia da Covid-19 causou um enorme choque no campo educacional trazendo mudanças drásticas na realidade das escolas públicas e privadas. Com o isolamento social e confinamento em casa recomendado pelos órgãos oficiais na tentativa de se evitar a disseminação do novo coronavírus, “o ensino presencial foi abruptamente privado dos estudantes em seus mais diversos níveis de ensino” (MARQUES, 2020, p. 32).

O distanciamento social, trouxe diversas situações como o fechamento de diversas instituições públicas com alta circulação de pessoas, neste sentido as escolas e universidades entraram nesta lista, transformando a casa das pessoas em seu escritório, espaço de estudos e trabalho de forma geral. A continuação de todas estas relações de modo virtual pela internet, agigantou os desafios para todos, em destaque para os que eram ou estavam desprovidos de acesso a tal meio de comunicação, principalmente por dificuldades de ordem financeira.

CAPÍTULO 2 – A Teoria Crítica e a Escola de Frankfurt

Para falar de Teoria Crítica e seu surgimento, é necessário elucidar primeiramente este conceito, como surgiu e em que circunstâncias. Uma teoria que trata de um determinado assunto é, na verdade, um conjunto de hipóteses com a intenção de explicar ou justificar uma afirmação, que pode ter sido comprovada através de estudos ou que

ainda não se produziu estudos concretos sobre tal perspectiva, uma teoria é um pode ser que seja com grande probabilidade de ser, que pode ser confirmada futuramente.

Neste sentido, é possível afirmar que a Teoria Crítica, como uma teoria científica, carrega consigo também a necessidade de demonstrar e até mesmo comprovar através de embasamento analítico ou empírico, as suposições elaboradas por seus estudiosos em sua gênese. Nobre (2004, p.8) afirma ainda que, teoria e prática são conceitos distintos e opostos, onde teoria indica como as coisas devem ser e prática indica como as coisas são, simplesmente são. Sendo assim, sempre haverá uma disparidade entre estes conceitos pois, se houver um momento em que estes versam a mesma coisa, um deixará de existir.

Ainda para compreender enfim, o conceito de Teoria Crítica, se expõe aqui a elucidação trazida por NOBRE (2004):

A Teoria Crítica não se bate por uma ação cega (sem levar em conta o conhecimento) nem por um conhecimento vazio (que ignora que as coisas poderiam ser de outro modo), mas questiona o sentido de “teoria” e de “prática” e a própria distinção entre esses dois momentos. Caberá a ideia mesmo de crítica realizar este papel. (NOBRE, 2004, p. 9)

Nesse sentido, é possível compreender que a Teoria crítica carrega consigo um significado diferente para a condição humana, é um eterno questionamento acerca de como as coisas são, através da argumentação de como as coisas deveriam ser. E essa postura se deve à necessidade intrínseca à realidade humana de aprimoramento de suas capacidades, inclusive de conviver em sociedade e manutenção de suas civilizações. Entendido até aqui do que se trata Teoria crítica, é necessário conhecer a sua gênese.

O conceito de Teoria Crítica foi apresentado primordialmente como descreve NOBRE (2004):

A Teoria Crítica. Esta expressão, tal como é conhecida hoje, surgiu pela primeira vez como conceito em um texto de Max Horkheimer (1897 – 1973) de nome “Teoria Tradicional e Teoria Crítica”, de 1937. Esse texto foi publicado na Zeitschrift für Sozialforschung [Revista de Pesquisa Social], que foi editada de 1932 a 1942 pelo próprio Horkheimer. Essa revista era publicação oficial d Institut For Sozialforschung] Instituto de Pesquisa Social], fundado em 1923 na cidade alemã Frankfurt am Main, e que foi presidido pelo mesmo Horkheimer de 1930 a 1958. A explicação sobre a origem da expressão “Teoria Crítica” já traz consigo uma grande quantidade de dados e elementos a serem analisados. Vê-se, por exemplo, que a Teoria Crítica está ligada a um instituto, a uma revista, a um pensador que estava no centro de ambos (Horkheimer) e a um período histórico marcado pelo nazismo (1933-45), pelo stalinismo (1924-53) e pela Segunda Guerra Mundial (1939-45). (NOBRE, 2004, p. 13)

Assim, há que se avaliar um contexto histórico muito importante pois, neste período a humanidade enfrentava grandes desafios, com governos ditatoriais e conflitos mundiais, justamente com o propósito de combater tais governos. Este novo modo de

pensar da Teoria Crítica surge então como uma resposta a este cenário, como uma análise conjuntural dos passos da humanidade, em busca da compreensão das determinantes sócio-históricas presentes neste momento.

Outro fator importantíssimo que deve ser citado ao se falar do surgimento da Teoria Crítica é a sua íntima ligação com a produção científica do Sociólogo Karl Marx pois, sua obra inspirou o início de estudos no instituto anteriormente citado. Este fato se deve ao modelo crítico utilizado por Marx em suas obras e que se colocaram como base para a construção dos trabalhos na Teoria Crítica. Se estabelece então um modelo de investigação científica apoiado no marxismo e suas análises acerca das transformações políticas e econômicas da época.

Há que se lembrar que, de acordo com Nobre (2044, p.13), ao se falar de Teoria Crítica e sua íntima ligação com a produção do sociólogo Karl Marx, fica claro que:

O objetivo principal do Instituto era o de promover, em âmbito universitário, investigações científicas a partir da obra de Karl Marx (1818-1883). Vê-se já que a Teoria Crítica, desde o início, tem por referência o marxismo e seu método – o modelo da “crítica da economia política” (é justamente este o subtítulo da obra máxima de Marx, O Capital). (NOBRE, 2004, p.13)

Apesar de ser um trabalho multidisciplinar, a Teoria Crítica seguiu sua linha de raciocínio tendo com espinha dorsal o criticismo de Marx acerca das determinantes sociais causadas pelas transformações nos modos de produção e de trabalho. Neste sentido, Nobre (2004) nos traz como aconteceu de fato a elementaridade da produção de Marx para a Teoria Crítica:

E essa unidade era dada justamente pela referência à obra de Marx, razão pela qual essa experiência inovadora ficou conhecida como "materialismo interdisciplinar". Esse foi, portanto, o primeiro sentido da Teoria Crítica tal como teorizada por Horkheimer nesse período: pesquisadores de diferentes especialidades trabalhando em regime interdisciplinar e tendo como referência comum a tradição marxista. E, para espelhar a produção dessas pesquisas, Horkheimer fundou uma nova publicação, a já mencionada Zeitschrift für Sozialforschung. (NOBRE, 2004, p. 15)

Assim, é possível afirmar que a Teoria Crítica em sua gênese, teve a participação de um conjunto de pensadores de diversas áreas do conhecimento que contribuíram para que esta vertente teórica fosse consolidada. E ainda, para salientar a importância da contribuição de cada um deles neste processo, é necessário citar seus nomes neste estudo, como seguem as palavras de NOBRE (2004):

Para que se tenha uma ideia da amplitude desse projeto, basta citar alguns dos nomes envolvidos: em economia, além de Friedrich Pollock, Henryk Grossmann (1881-1950) e Arkadij Gurland (1904-1979); em ciência política e direito, Franz Neumann (1900-1954) e Otto Kirchheimer (1905-1965); na

crítica da cultura, Theodor W. Adorno (1903-1969) — que viria posteriormente a ser o grande parceiro de Horkheimer na produção em filosofia —, Leo Löwenthal (1900-1993) e, alguns anos mais tarde, Walter Benjamin (1892-1940); em filosofia, além de Horkheimer, também Herbert Marcuse (1898-1978); e em psicologia e psicanálise, Erich Fromm (1900-1980). (NOBRE, 2004, p.15-16)

A este conjunto de cientistas, de pensadores, posteriormente foi dado o nome de Escola de Frankfurt, uma referência a um conjunto de estudiosos que estavam reunidos na localidade de Frankfurt onde o Instituto de Pesquisa Social se instalara. Porém, apesar de todos estes pensadores usarem como base para seu estudo as teorias marxistas, não se deve dizer que todos compartilhavam das mesmas visões acerca das temáticas estudadas e adas teorias formuladas a partir destas.

Segundo Nobre (2004), estes autores na verdade, corroboravam um olhar crítico diante das proposições de Marx, e em muitas vezes suas críticas elaboravam uma análise da congruência dos pensamentos do sociólogo sobre o tempo presente a eles pois, na visão de muitos, seriam totalmente diversas.

Outro ponto que o autor destaca, foi a perseguição nazista a estes pensadores, por diversos motivos que entre estes estão, a sua base de estudos as teorias marxistas e sua grande parte de integrantes serem de origem judaica, dentro de seu próprio ambiente de instalação em Frankfurt, os fazendo transferir sua sede e posteriormente migrar para Genebra na Suíça. Como localiza NOBRE (2004):

... quando Hitler torna-se chanceler do governo alemão, em janeiro de 1933, o Instituto transfere sua sede administrativa quase que imediatamente para Genebra e abandona as instalações em Frankfurt. (NOBRE, 2004, p. 18)

Neste período de exílio o instituto instalou unidades na França e na Inglaterra e também, com um convite a Horkheimer para lecionar na Universidade de Columbia em Nova York, uma base do instituto foi instalada nos EUA. Durante a Segunda Guerra Mundial, grande parte dos integrantes do Instituto migraram para esta a América, como objetivo de se refugiar da perseguição em seu local de origem. Assim, o autor ressalta que a nomenclatura Escola de Frankfurt se consolida apenas com o retorno de seus integrantes após o pós-guerra em 1950 (NOBRE, 2004).

Para concluir a apresentação desta importante instituição para a consolidação da Teoria Crítica, se faz necessário destacar a definição de NOBRE (2004) acerca da Escola de Frankfurt:

Seja como for, pode-se já concluir que Escola de Frankfurt designa antes de mais nada uma forma de intervenção político-intelectual (mas não partidária)

no debate público alemão do pós-guerra, tanto no âmbito acadêmico como no da esfera pública entendida mais amplamente. E uma forma de intervenção de grande importância e consequências, não apenas para o debate público e acadêmico alemão. (NOBRE, 2004, p. 20)

Para encerrar o discurso que auxiliará na compreensão da importância da Teoria Crítica para esta discussão, é necessário contextualizar sua influência intelectual aqui no Brasil e, segundo CAMARGO (2012):

A Teoria Crítica da Escola de Frankfurt teve sua inserção no Brasil a partir de meados da década de 1960 consolidando-se no final daquela década com as primeiras traduções de obras de pensadores frankfurtianos, inicialmente alguns textos de Walter Benjamin, e depois Herbert Marcuse e Theodor Adorno. É possível afirmarmos que dois campos do conhecimento expressaram fortemente o impacto inicial do pensamento frankfurtiano: o dos estudos literários e da comunicação. As primeiras referências ao pensamento frankfurtiano ocorrem a partir de debates quanto à relação entre arte e sociedade, mesmo antes de 1968. (CAMARGO, 2012, p.127-128)

CARDOSO (2012) destaca entre os nomes que aparecem no decorrer do tempo em meio aos intelectuais brasileiros que introduzem em suas produções as considerações dos pensadores da Teoria crítica, seja por traduções destes pensadores supracitados, ou seja por suas próprias produções, é possível citar: Roberto Schwarz (destacou-se por abordar temas nacionais), Leandro Konder (teve suas traduções publicadas pela Revista Civilização Brasileira entre 1965 a 1968), Renato Ortiz, Sérgio Paulo Rouanet, Gabriel Cohn (com grande destaque entre os pensadores que correlacionou seus estudos com a realidade brasileira), Caio Prado Júnior, Luiz Costa Lima, Erick Fromm, Florestan Fernandes, Sérgio Buarque de Holanda, e Flávio René Kothe (destaque por suas traduções e por evidenciar o confronto entre tecnologia e a utopia da obra de arte autônoma).

Estes são os destaques que Cardoso (2012) apresenta em sua obra como maiores contribuintes da Teoria Crítica brasileira, e ainda destaca que os elementos constituintes dos pensamentos destes intelectuais ainda estão presentes no debate atual diante da vertente filosófica em questão.

CAPÍTULO 3- Hanna Arendt

Com o intuito de evidenciar o viés crítico desta discussão, é relevante acrescentar o pensamento filosófico de Hannah Arendt, como uma autora que está diretamente ligada à compreensão feminina do teor epistemológico da Teoria Crítica e seus desdobramentos sobre questões cruciais para este presente texto, no que diz respeito às determinantes

sócio-históricas do posicionamento individual no contexto educativo da desigualdade social. Para isso, se faz necessário apresentar esta pensadora da Teoria Crítica alemã.

Para contar a história de Arendt, foi necessário recorrer a um texto biográfico que, de forma seletiva, elucida os pontos mais importantes da vida da filósofa. Assim, por diversas vezes, será necessário trazer as palavras de BRITO (2020) na íntegra para que os apontamentos possam trazer clareza ao discurso. Nesse sentido, o início será com o relato das origens de Hannah Arendt:

Hannah Arendt nasceu em 14 de outubro 1906, em Linden, próximo de Hannover, no Império Germânico, e passou a maior parte de sua infância e adolescência em Königsberg. Filha de Martha e Paul Arendt, foi excelentemente educada em literatura alemã, grego clássico e filosofia moderna e antiga, em uma atmosfera de altos padrões, ideais e princípios pré-Primeira Guerra, cercada por Goethe, Mozart e Kant. Seus pais eram da primeira geração de profissionais judeus alemães agnósticos, politicamente liberais e altamente educados, e o fato de ser judia nunca foi mencionado a Arendt, que só compreendeu isso ao sair de casa e experienciar o antissemitismo. Em 1924, Arendt chegou à Universidade de Marburg em meio a uma revolução iniciada pelo jovem Heidegger, que continuava o movimento intelectual iniciado por Edmund Husserl na Universidade de Freiburg. (BRITO, 2020, p. 14)

Este é um breve relato histórico da juventude de Arendt ainda na Alemanha, seu país de nascimento e, por uma questão de interesse cultural de seus pais, somente após adulta ela saberia que sua origem está na etnia do povo Judeu. E este fato foi determinante para todas as grandes mudanças pelas quais Hannah passou no decorrer de sua vida. A começar pela mudança de sua carreira de escritora para ingressar na política como relata BRITO (2020):

As primeiras leis antissemitas de 1933 fizeram com que Arendt decidisse afastar-se do intelectualismo da academia, pois acreditava que os intelectuais caíram na armadilha de suas próprias construções. Desejando uma atuação prática no mundo, ela se une a grupos sionistas e trabalha para expor o antissemitismo na Alemanha. Em resultado, Arendt foi presa por oito dias e, ao ser liberada, fugiu para a França, o que deu início sua longa jornada como apátrida. (BRITO, 2020, p. 14-15)

No período em que permaneceu em Paris, Hannah Arendt continuou com sua luta contra o antissemitismo e a ameaça nazista. Durante a Segunda Guerra Mundial, a França foi invadida em 1940, e a filósofa foi levada para um campo de internamento do qual fugiu e se exilou nos Estados Unidos, onde publicou as suas obras mais marcantes segundo o relato de Brito(2020), que são: *Origens do Totalitarismo* (1951), *A Condição Humana* (1958), *Entre o Passado e o Futuro* (publicado originalmente em 1961, reunindo ensaios desde 1954 a 1960, e em 1968 acrescido com mais dois textos), *Sobre a Revolução* (1963), *Eichmann em Jerusalém* (1963), *Homens em Tempos Sombrios* (1968), *Crises da República* (1972) e *A Vida do Espírito* (1978, póstumo e inacabado),

além de inúmeros artigos, desde os anos 30, que mais tarde seriam reunidos em coletâneas, dentre as mais importantes: *The Jew as Pariah: Jewish Identity and Politics in the Modern Age* (1978), *Responsabilidade e Julgamento* (2003), *Compreender: Formação, exílio e totalitarismo* (1994) e *Escritos Judaicos* (2007).

No que diz respeito ao campo Educação, as produções de Hannah Arendt contribuíram de forma concisa, trazendo inclusive embasamento teórico para discussões de mudanças necessárias para a melhoria da qualidade da educação e sua evolução como elemento transformador da sociedade. Em sua obra intitulada “A crise da Educação”, autora traz seu olhar pelo histórico de equívocos que identificou que na América existia uma periodicidade das crises na educação ao ponto de torná-la uma crise política, como expressa neste trecho de sua obra:

Ainda que a crise na educação possa afetar o mundo inteiro, é significativo que seja na América que ela assume a forma mais extrema. A razão para tal decorre talvez do facto de, apenas na América, uma crise na educação se poder tomar verdadeiramente um fator político. Na verdade, a educação desempenha na América um papel diferente, de natureza política, incomparavelmente mais importante do que nos outros países. (ARENDR, 1961)

É possível compreender que a crise na Educação abordada por Hannah Arendt se expressa pela intensa utilização da mesma como uma ferramenta de coerção social e imposição de padrões comportamentais e ideológicos, utilizada no jogo político para a manutenção da hegemonia capitalista através das desigualdades sociais, mantendo grande parte da população em lugar de vulnerabilidade e marginalização. O empobrecimento da qualidade da Educação não é um mero acaso, e sim uma estratégia política de controle do desenvolvimento e criticidade dos indivíduos oriundos da classe subalterna, e Hannah prova isto em seus estudos, principalmente quando fala que tudo está ligado à condição humana.

A condição humana compreende algo mais que as condições nas quais a vida foi dada ao homem. Os homens são seres condicionados, tudo aquilo com o qual eles entram em contato torna-se imediatamente uma condição de sua existência. O mundo no qual transcorre a vida activa consiste em coisas produzidas pelas atividades humanas; mas, constantemente, as coisas que devem sua existência exclusivamente aos homens também condicionam seus autores humanos, além das condições nas quais a vida é dada ao homem na Terra e, até certo ponto, a partir delas, os homens constantemente criam as suas próprias condições que, a despeito e sua variabilidade e sua origem humana, possuem a mesma força condicionante das coisas naturais. O que quer que toque a vida humana ou entre em duradoura relação com ela, assume imediatamente o carácter de condição da existência humana. É por isso que os homens, independentemente do que façam, são seres condicionados. (ARENDR, 1958, p.17)

E como este trabalho se trata de uma discussão crítica acerca da trajetória de uma estudante latino-americana, com perfil socioeconômico caracterizado pela desigualdade social, é totalmente visível a transição dos elementos da crise da Educação explanada por Hannah, da cultura norte-americana para a cultura latino-americana. A autora explora esta temática no país em que passou grande parte de sua vida os EUA, porém, como a Educação brasileira e sua sociedade como um todo recebeu e recebe grande influência da cultura norte americana, é totalmente plausível inserir o criticismo de Arendt nesta discussão. Por isso, no próximo tópico, que são as considerações finais será possível compreender em qual momento todos estes assuntos se amarram, e acabam por determinar o curso de uma trajetória acadêmica individual e ao mesmo tempo plural, no sentido de comum a muitos estudantes que pelem contra a desigualdade social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A conclusão deste trabalho tem como principal temática a conclusão da graduação em Pedagogia, como um passo mais largo e concreto na jornada do processo educativo trilhado até aqui. Tem também, um viés reflexivo e carregado de criticidade que integrou esta discussão através do estudo, mesmo que não aprofundado, da Teoria Crítica em seu histórico e contribuição para a Filosofia e o pensamento crítico. Ainda, e não menos importante, a relevância das contribuições de Hannah Arendt para o pensamento filosófico, e sua visão crítica acerca da atividade humana e suas escolhas, bem como o reflexo desta dinâmica no conjunto das atividades humanas e suas expressões na sociedade.

E, como estes assuntos se entrelaçam, pois, a partir do momento que se concebe o sujeito protagonista desta trajetória acadêmica relatada neste trabalho, é imprescindível a análise das determinantes sócio-históricas de sua condição humana, como estudante em um contexto cotidiano de desigualdade social em que sempre esteve em processo de embate constante no enfrentamento às adversidades do seu processo educativo.

Em toda a trajetória de processo de construção do conhecimento, nas escolas que passei no ensino público, o tema “desenvolver a criticidade, formar um cidadão crítico”, esteve presente no discurso dos profissionais a minha volta, mesmo quando ainda eu não conhecia estes conceitos. Seus planejamentos eram pautados em nos fazer pensar sobre nossa realidade e nosso lugar no mundo, meu e de meus colegas. É claro que à época eu não fazia esta avaliação, mas hoje, diante de minha formação como profissional docente eu posso compreender que sim, mesmo com todas as limitações impostas, a criticidade foi apresentada a mim por muitos professores em diversos momentos.

Nesse sentido, é importante salientar como a Teoria Crítica se insere no processo de emancipação do indivíduo, contudo no ambiente escolar pelo seu próprio desenvolvimento da criticidade. É o que vemos neste trecho de Ruz (1984):

O papel da teoria nos parece, pois, claro: é enquanto "produtora de consciência" que a teoria crítica participa da "prática emancipadora racionalizante". O estatuto da relação entre a teoria e a prática é indireto, mas claro: uma teoria capaz de revelar as contradições existentes em uma "situação histórica concreta" age "como fator de estímulo e mudança no interior da mesma"; ela suscita indiretamente a prática liberadora. (RUZ, 1984, p.13)

O advento da Teoria Crítica para a educação se exprime então, como uma base para a construção do pensamento crítico nas mais diversas realidades, de forma heterogênea contribui para transformações sociais ocasionadas pela disseminação do

pensamento crítico que considera diversos olhares sobre a mesma realidade, de acordo com a subjetividade dos indivíduos. Assim, claro que mesmo sem conhecer esta vertente filosófica à época, é possível reconhecer que minha formação se encaminhou pela busca do aperfeiçoamento do pensamento crítico plantado como semente por professores que em suas raízes se nutriram desta perspectiva filosófica.

Como membro da Teoria Crítica mais representativa para a apresentação de minha jornada educativa, Hannah Arendt surgiu como o elo entre a busca pelo crescimento acadêmico e as condicionantes que se mostraram como obstáculos, às vezes transpostos às vezes intransponíveis em minha jornada, como em seu texto intitulado “A condição humana”. Neste trabalho, a autora esmiúça a relação do homem com sua própria condição, seja por determinantes naturais ou seja por situações e coisas criadas por ele, que transformam sua dinâmica de existência como condicionantes de suas ações. Ressalta a importância da linguagem para as relações humanas, que é expressa por Hannah neste trecho:

E tudo o que os homens fazem, sabem ou experimentam só tem sentido na medida em que pode ser discutido. Haverá talvez verdades que ficam além da linguagem e que podem ser de grande relevância para o homem no singular, isto é, para o homem que, seja o que for, não é um ser político. Mas os homens no plural, isto é, os homens que vivem e se movem e agem neste mundo, só podem experimentar o significado das coisas por poderem falar e ser inteligíveis entre si e consigo mesmos. (ARENDR, 1968, p.12)

Esta definição se encontra com a reflexão que pode ser feita e, deve ser feita, acerca das condições as quais toda minha trajetória humana que, esteve sujeita desde meu nascimento, ao uso da linguagem como ferramenta para o desenvolvimento pois, como foi relatado no primeiro capítulo, minha história é marcada pela construção da linguagem e o aprendizado que esta me proporcionou através das condições em que cresci, da cultura familiar a qual me formei e de todas as relações humanas que desenvolvi ao longo do tempo.

O desenvolvimento da linguagem é a base do aprendizado e, o domínio da linguagem pode tornar qualquer proposta de influência, seja negativa ou positiva, em um sucesso, pois a linguagem é uma ferramenta de domínio e coerção, que pode ser usada para ascensão ou alcance de degraus anteriormente intransponíveis. Sendo assim, é possível também afirmar que a minha escolha em nunca me separar do ambiente escolar, seja como aluna ou seja como profissional, esteja completamente permeada desta

compreensão de que, para transformar o mundo a minha volta, a educação e a linguagem sejam as principais ferramentas.

Nesse sentido, dizer que minha escolha de carreira profissional, mesmo que tenha sofrido alguns desvios no decorrer do tempo, agora se encontra em trajetória de convergência com a minha essência construída cotidianamente, de entrega e doação para influenciar as pessoas a desenvolver suas melhores habilidades, agora se estabelece com a conclusão do curso de Pedagogia. E digo isto porque é assim que compreendo a espinha dorsal da profissão da docência, transformar vidas através do desenvolvimento de suas habilidades que lhe farão trilhar os caminhos que sua essência expressar.

REFERÊNCIAS:

ARENDDT, Hannah. A crise na Educação. New York: Viking Press, 1961, pp. 173-196 (trecho traduzido). Acessado em: 08/06/2021 disponível em: http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/otp/hanna_arendt_crise_educacao.pdf

ARENDDT, Hannah. A condição humana. Acesso em: 08/06/2021. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1130009/mod_resource/content/1/A%20condi%C3%A7%C3%A3o%20humana-%20Hannah%20Arendt.pdf

Barreto, J. da S. ., Amorim, M. R. O. R. M. ., & Cunha, C. da . (2020). A PANDEMIA DA COVID-19 E OS IMPACTOS NA EDUCAÇÃO. *Revista JRG De Estudos Acadêmicos*, 3(7), 792–805. <https://doi.org/10.5281/zenodo.4361693>

BRITO, Romulo Renata. Hannah Arendt. Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia, V. 6 N. 11, 2020, p. 14-29. Acesso em: 25/10/2021. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/wpcontent/uploads/sites/178/2020/11/Verbetes-Hannah-Arendt.pdf>

CARDOSO, Sílvio César. A recepção da Teoria Crítica no Brasil- 1968-1978. Em *Debat: Rev. Dig.*, ISSNe 1980-3532, Florianópolis, n. 7, p. 126-149, jan-jul, 2012. Acesso em: 22/10/2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emdebate/article/view/1980-3532.2012n7p126>

NOBRE, Marcos. A Teoria Crítica, 2004. Editora ZAHAR. Acesso em: 18/10/2021. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4993606/mod_resource/content/1/Aula%2011b_NOBRE-Marcos-A-Teoria-Critica.pdf

RUZ, Juan. Teoria Crítica e Educação (Tradução de Philippe Humblé e Walter Carlos Costa). *Perspectiva*; CED, Florianópolis, 9-50. Jul./Dez. 1984 Acesso em: 03/10/2021 Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/download/8978/8326/26800>